

Criatividade e Mímesis?

Aline Magalhães Pintoⁱ (PUC-Rio)

Criatividade e *mímesis* ocupam campos opostos?

A questão da criação não se enclausura nos domínios do campo da arte, tampouco a concepção de *mímesis* se encerra como identidade metafísica entre ser e natureza. Acerca da oportunidade e sentido de se tematizar a *mímesis*, pela força das significações que tal termo consegue mobilizar, é necessário compor uma trajetória que permita pensá-la como um fenômeno inscrito nos complexos panoramas de longa duração. Ao mesmo tempo, enfocá-la em permanente tensão com a capacidade de invenção e de inovação humanas.

A brevidade do ensaio é inversamente proporcional à profundidade da questão que abordamos. Esboçamos, portanto, apenas um primeiro gesto que intenta apontar, com J. P. Vernant em “Nascimento das imagens” (1979), as íntimas relações entre *mímesis* e a tradição oral da Grécia Arcaica, e com H. Blumenberg em “Imitação da natureza” (1957), a vitalidade e resistência histórica do conceito de *mímesis*. Ambos os textos estão presentes na coletânea *Mímesis e a reflexão contemporânea*, organizada por Luiz Costa Lima (EdUERJ, 2010).

Em “Nascimento das imagens”, Jean Pierre Vernant discorre a maneira pela qual poderiam os gregos conhecer uma ordem de realidade correspondente ao que nós entendemos como imagem e imaginário. A investigação do historiador incide na maneira pela qual Platão,

num mesmo gesto, funda a primeira teoria geral da *mímesis* e afasta a imagem do real e do saber. Delimitando o campo da imagética, Platão confere um *status* ontológico próprio à imagem. Cito Vernant:

Fruto de uma imitação, a imagem consiste em uma pura 'semblância'. Não tem outra realidade senão esta similitude com o que não é, com essa coisa outra e real de que é a réplica ilusória e ao mesmo tempo o duplo e o fantasma. (Vernant, 2010: 56)

A posição de Platão estabelece uma oposição entre atividade demiúrgica - desempenhada pelos artesãos- e a atividade mimética pela qual o pintor retoma as obras múltiplas dos artesãos para representá-las, não em sua finalidade funcional, mas como parecem em seu aspecto exterior visível. Desta maneira, para Vernant, Platão entende a imagem como expressão dos diversos modos do parecer e, nesse sentido, inteiramente ligada ao mundo sensível, com suas inconstâncias, relatividades e contradições. Toda a sofística se insere, da mesma forma que a pintura e a escultura, na *mimetiké*. Escultor de palavras, o sofista é aquele que se dedica ao jogo das ilusões fantasmáticas.

A ideia central do texto "Nascimento das imagens" é afirmar que Platão, ao opor nitidamente o parecer ao ser, confere a imagem sua forma de existência própria. A imagem adquire um caráter distintivo, um estatuto fenomenal particular, e com isso não será mais considerada um modo ou dimensão do real. Ela surge como categoria específica situada frente ao ser em uma relação ambígua de falso – semblante. Contudo, esta especificidade implica a expulsão da imagem do domínio do autenticamente real. Desqualificada como acesso ao conhecimento, a imagem é relegada ao campo do ficcional e ilusório.

Paradoxalmente, a obra de Platão, para Vernant, marca o "momento em que o mundo das aparências toma corpo, colocando-se ante o real e em relação ao real com sua 'semblância'" (Idem:81).

Vernant questiona o porquê de não se encontrar em Platão um desenvolvimento psicológico à imagem a partir da definição de sua especificidade. A raiz dessa ausência encontra-se, por um lado, na distância não demarcada entre sensação e imagem, demarcação que se esboçará no *De Anima* de Aristóteles.

Mas, de uma maneira mais profunda, diz Vernant, a associação da imagem a um modo de subjetividade não pôde ser desdobrada no sistema platônico porque Platão liga a imagem à *mímesis*. Esta ligação faz com que a imagem somente possa reproduzir uma aparência já dada fora dela. Este traço limita a imagem e a exclui do campo da fabricação inovadora. O ilusório em Platão, graças ao vigor da *mímesis*, não se mostra como um artifício humano, no sentido pleno do termo, implicando mesmo a ausência de uma categoria de agente, de uma noção de poder criador do homem.

Vernant identifica nos vínculos com a *mímesis* a causa da ausência, em Platão, de uma tematização que vislumbresse na imagem e na imaginação uma potencialidade para a subjetividade criadora. E nesse primeiro sentido, o mais aparente, a interpretação de Vernant se encontra em consonância com uma tradição de pensamento que associa a autonomia da imagem artística à ruptura da *mímesis*, entendida como *imitatio*.

Contudo, ao explorar os vínculos de Platão com a cultura grega arcaica, da qual o filósofo grego é ao mesmo tempo o primeiro liquidante e maior herdeiro, Vernant visualiza a *mímesis* como algo que não se deixa reduzir à imitação. Em sua emergência histórica, a *mímesis* surgiria como um modo de aquisição de conhecimento que repousa sob um efeito de comunicação afetiva onde “o autor, o executante-recitante ou ator- e o público de ouvintes identificam-se de alguma maneira com as ações, com os modos de ser, com os caracteres representados nas narrativas e nas cenas”. (Idem: 69).

A *mímesis* é um processo relacionado aos movimentos humanos de busca pela conformidade e identificação a modos de ser e saber. Um tipo de transmissão cultural que não se dissipa facilmente. Com efeito, o que seria o papel da *mímesis* para o mundo grego de então? Incito, sem responder, citando uma passagem de “Assembleia de mulheres”, de Aristófanes que nos é oferecida por J-P. Vernant: “As qualidades que não possuímos, cabe à *mímesis* procurá-las para nós” (Ibidem).

A incrível força e resistência dessa tradição que abordamos por meio do texto de J-P. Vernant é alvo da reflexão de Hans Blumenberg em “Imitação da natureza”. Para encontrar e

entender as fontes do impulso que permite que a criatividade emerga imagetivamente, o autor questiona o homem como entidade criadora em busca de autocompreensão. Este questionamento é antes uma historicização da *mímesis* do que mais uma epopeia do sujeito moderno.

Neste sentido, sua reflexão busca esmiuçar o *pathos* discursivo com que se atribuiu o caráter criador ao sujeito à luz das maneiras pelas quais tal atributo foi mobilizado, ao longo da trajetória do Ocidente cristão, para enfrentar o axioma da 'imitação da natureza'.

No decorrer do texto, a concepção de *mímesis* emerge, por meio de uma *démarche* que é a uma só vez genealógica e arqueológica, como a base fenomênica da tradição da identidade entre ser e natureza. A função lógica e ontológica da *mímesis* seria, desde Platão, religar por subordinação o ato de criação humana a uma estrutura cósmica fundamental. Ao cumprir a tarefa de, ao mesmo tempo, reproduzir a constância eidética e viabilizar o processo produtivo, a *mímesis* seria o mecanismo pelo qual a existência se subordina ao existente.

A dinamicidade do conceito de natureza em Aristóteles complexifica o entendimento da *mímesis*, na medida em que incorpora a diferenciação entre *natura naturans* e *natura naturata* para acolher a essência dos processos geradores. Contudo, para Blumenberg, essa dinamicidade não é suficiente para representar, um ganho ontológico decisivo com relação a Platão no que concerne à estabilidade da tradição da *mímesis*. Ao apresentar os processos geradores, condicionantes da existência, regulados por um estado eidético de permanente constância, Aristóteles estabeleceria uma natureza que eternamente se repete em sua autoprodução, na qual não é possível atribuir nenhuma função essencial ao fazer humano.

Ancorada no caráter fechado do *cosmos* grego, a *mímesis* se sustenta sob dois elementos: a articulação exemplar e a plenitude essencial da natureza. Blumenberg se dedica a conferir base histórica à incrível resistência lógica e ontológica do que ele chama por tradição da *mímesis*. Seu estudo permite visualizar um conflito permanente – atualizado de diferentes formas- entre a concepção de *mímesis* e o atributo da vontade, necessário ao caráter criador.

Contudo, ao investigar como índices históricos os momentos em que a tradição da *mímesis* fraqueja - cito as interrogações dentro da teologia cristã conferidas a Guilherme de Ockan, ou as insolentes questões que Nicolau de Cusa propõe por meio da figura do Idiota, ou

ainda a multiplicidade e certa inocência pré-kantiana dos mundos possíveis de Leibniz - Blumenberg chega a dois inquietantes pontos que sublinho:

1. Uma significação não-niilista para a dissolução da identidade entre ser e natureza, enfatizando o desejo de ser que movimenta tanto os procedimentos técnico-científicos mas sobretudo as obras de arte.
2. Afirmando que, no máximo, estamos no fim do processo agônico de superação da *mimesis*, Blumenberg dá vazão a certo pressentimento de uma potência obscura *sempre-já-existente* que dispara, mesmo nas obras mais abstratas, fagulhas de um reconhecimento surpreendente. Reconhecimento que sugere um tipo de *mimesis* em que não se aceita o dado como inevitável, mas que lança um olhar direcionado que reconhece e recria.

Como concepção entrelaçada à tradição ocidental, a *mimesis* movimenta uma discussão acerca da tensa relação entre os processos de identificação cultural e os atributos lógicos e psicológicos que embasam a criatividade humana. Uma reflexão teórica que aponta a *mimesis* como fundo de uma teoria geral da cultura.

Referências bibliográficas

BLUMENBERG, H. "Imitação da natureza": contribuição à pré-história da ideia do homem criador. In: COSTA LIMA, L. (Org.) ***Mimesis e a reflexão contemporânea***. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 87-135.

COSTA LIMA, L. Introdução geral. In: COSTA LIMA, L. (Org.) ***Mimesis e a reflexão contemporânea***. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 7-49.

LAUNAY, M. Préface. In: BLUMENBERG, H. ***L'imitation de la nature et autres essais esthétiques***. Paris, Hermann Éditeurs, 2010. p. 6-30

VERNANT, J. P. Nascimento das imagens. In: COSTA LIMA, L. (Org.) ***Mimesis e a reflexão contemporânea***. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 51-86.

*Recebido em 14/04/2013
Aprovado em 30/04/2013*

ⁱ **Aline MAGALHÃES PINTO, doutoranda.**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio)
Email alinealinemp@yahoo.com.br